

## BALANGANDÃ SONORO: UMA SUGESTÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA TRABALHAR O "BARULHAR" DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ariane Carolina Boscardini Bittencourt<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como temática a música na educação infantil. Embasado nos pressupostos teóricos do barulhar (LINO, 2008) a pesquisadora entende que a música das culturas infantis exige um espaço, um tempo e uma mediação pedagógica onde as crianças possam brincar com sons. Ao refletir sobre as diferentes formas que a escola tem oportunizado às crianças para brincar com sons, isto é, para barulhar, a pesquisadora constatou que, além dos professores ignorarem a referida temática também não dispõem de materiais didáticos para pensar um trabalho com música na sala de aula. Sendo assim, a pesquisadora mapeou alguns dos materiais didáticos disponíveis à prática pedagógica de música na educação infantil. A partir da análise desse material, acabou inventando diferentes jogos para sensibilizar seus alunos. Nomeou 'Balagandã Sonoro' o livro que organizou, isto é, uma sugestão de material didático para trabalhar o barulhar na infância. Meu objetivo é compartilhar uma reflexão em processo, possibilitando assim mais um recurso para os docentes que se interessem pelo barulhar de suas crianças. Nesse momento, emerge a necessidade de sublinhar que a infância representa uma etapa importante para o futuro de cada geração, momento em que, experimentando, as crianças aprendem a escutar e fazer música. A investigação concluiu que, quando se sabe o que fazer e tem-se o embasamento teórico necessário, as possibilidades tornam-se imensas para o docente alcançando a pluralidade de linguagens que as crianças decidam manipular.

**Palavras-chave:** Barulhar. Educação Infantil. Prática pedagógica. Música.

### INTRODUÇÃO

Este artigo deriva de minha pesquisa realizada como trabalho de conclusão de curso, sob a orientação da Professora Doutora Dulcimarta Lemos Lino, o qual surgiu de algumas inquietações e desconfortos com os quais me deparei quando comecei a atuar como professora de Educação Infantil, especialmente no que diz respeito a temática da música na infância.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Professora da rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo. E-mail: carolboscardini@hotmail.com.

Ao compreender que a música é uma linguagem expressiva de todo o ser humano que, espontaneamente, tem invadido o cotidiano escolar, fui me familiarizando com o discurso sonoro nas aulas de Educação Musical<sup>2</sup> e me sentindo capaz de proporcionar encontros com música aos meus alunos. Para mim, a ideia de música estava relacionada à prática coral e ao desenvolvimento de uma banda. Neste caso, acreditava que somente um músico poderia atuar nessa direção. Porém, logo compreendi que, para trabalhar com música na sala de aula, o professor não necessita tocar um instrumento e saber ler partituras. Todos os professores podem organizar atividades lúdico-sonoras na sala de aula, aguçando sua escuta sensível às significativas e ricas expressões sonoras infantis que edificam o "barulhar" (LINO, 2008) na infância.

Ao espalhar minhas novas ideias dentro da escola em que trabalho, me deparei com um certo “estranhamento” por parte das colegas. Quando discutia a referida temática, sempre fui questionada sobre sua importância e real contribuição à educação. Nesse momento entendi haver, inclusive, uma certa ignorância por parte das professoras sobre o conceito do “barulhar” propriamente dito, sua função e dimensionalidade criativa; além de constatar que o repertório praticado com as crianças na escola, demarcava um desconhecimento profundo de títulos de qualidade. Tudo isso gerou a presente reflexão, movida pela necessidade de compreender e valorizar a música das culturas infantis na escola, espaço institucionalizado para o conhecimento, que tem acolhido diferentes conceitos de infância e necessita ser repensado em suas práticas artísticas.

Assim, tematizar a música na prática pedagógica contemporânea, especialmente num campo ainda por vezes desvalorizado, como a Educação Infantil é o intuito primeiro desta investigação. Estender essa reflexão à formação dos professores oferecendo-lhes um mapeamento reflexivo dos materiais didáticos disponíveis é uma necessidade emergente.

Neste sentido, ao analisar e classificar o material disponível, além de inventar atividades para desenvolver nos encontros com música propostos aos meus alunos, fui organizando um repertório de possibilidades que poderiam ser utilizadas pelos professores interessados em compartilhar uma reflexão em processo. Todo esse movimento me levou a reorganizar minhas concepções sobre infância, educação e música, compreendendo-as como um processo em construção e constante transformação.

O trabalho de investigação busca também organizar um material didático para a prática de música na escola. Meu objetivo é motivar os docentes a incluírem em suas aulas

---

<sup>2</sup> Atividade acadêmica integrante do currículo de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.



um repertório de qualidade, e atividades que dinamizem e possibilitem a musicalidade da criança; evidenciando que para realizar tais práticas não é necessário “dominar” determinados instrumentos musicais ou ser músico profissional.

## **MÚSICAS NA (DA) INFÂNCIA**

“Tudo se move. E tudo se move em ritmo. E tudo que se move com um ritmo provoca um som; isso está acontecendo aqui e em qualquer lugar do mundo neste momento” (COELHO, 2006, p. 61).

Sabendo que infância é um substantivo plural, ou seja, que não existe apenas um modelo do que é infância, é imprescindível analisar que existem muitas formas de viver estas infâncias, variando de acordo com as culturas da infância em que cada criança está inserida e de suas diferentes realidades. Porém, o que todas estas infâncias e suas culturas, todos os seres que pertencem a este “universo” infantil tem em comum independente de suas culturas, meios, estrutura familiar e classe econômica é o brincar.

Toda criança em algum momento brinca com sons, sozinha ou em grupos, com ou sem recursos, sendo permitido ou não, todas de alguma forma encontram um momento, um tempo/espaço para brincar, jogar, inventar, enfim explorar todas as sonoridades ao seu redor de forma lúdica, e aos poucos se inserirem no meio social, fazendo suas leituras de mundo, através destas investigações.

Mas por que para brincar com sons as crianças têm que fazer tanto barulho? Esta é uma pergunta que já escutei muitas vezes, durante minha pequena caminhada como docente na educação infantil, e foi através dela que comecei a me sentir um tanto quanto incomodada ao ver constantemente estas professoras silenciarem seus alunos, para que brinquem direito e quietos. Surgem então outras perguntas: afinal que barulhos são esses e por que as crianças têm este “costume” de ficar fazendo barulhos, principalmente quando são menores?

Esse barulho, como já ouvi muitas docentes falarem ao se referirem ao que as crianças fazem quando brincam e até mesmo em outros momentos da rotina escolar, é na verdade o barulhar (LINO, 2008) que é o brincar/explorar os mais diversos sons que as crianças fazem naturalmente. E isto é o que realmente as incomoda, pois de forma geral o que a maioria dos professores acredita ser uma “boa sala” de aula é aquela em que o silêncio predomina, e por este motivo, passam constantemente repreendendo seus alunos para que fiquem em silêncio.

## O BARULHO DO SILÊNCIO

Defina Barulho...

Agora defina silêncio...

Pense em uma sala de aula, imagine que ela seja em uma turma de educação infantil em meio a uma cidade movimentada. Neste momento rapidamente nos remetemos ao barulho que tudo isto envolve e produz, mas afinal, o que é o barulho e o que é o silêncio? Comumente definimos o barulho como algo desagradável aos nossos ouvidos e que clama pelo silêncio.

Por falar nele, definimos o silêncio como algo calmo, bom, necessário, especialmente pensando em uma sala de aula, seja ela a série ou nível que for; porém, o silêncio é algo inexistente. Segundo Schafer (1991), com o qual concordo plenamente, o silêncio não existe, pois estamos sempre rodeados pelas paisagens sonoras, ou seja, todo e qualquer som vindo de todos os lugares possíveis.

Sons que não cessam simplesmente porque ficamos em silêncio, e mesmo que isolados acusticamente, nunca conseguimos ficar no silêncio absoluto, pois afinal nosso corpo é repleto de sons que não cessam jamais. Mas então por que nos prendemos tanto a esta questão da importância do silêncio, especialmente na sala de aula, e por que a maioria dos professores exige este “silêncio fictício” de seus alunos constantemente?

Na educação infantil especialmente com os menores (1 a 3 anos) tudo é uma nova descoberta, são muitas novidades ao mesmo tempo, coisas a serem exploradas, capacidades sendo descobertas e muitos sons ao redor e à disposição da criança. O brincar nesta faixa etária é extremamente rico de sons, sejam eles produzidos pela própria criança: choros, gritos, risadas, grunhidos distintos, pelo seu corpo: soluços, gases, pelos brinquedos: quando batidos nas paredes, no chão, em outros objetos, quando são sacudidos, e pelos mais diversos materiais que produzem algum tipo de som.

Isto tudo é uma descoberta para estas crianças, é como se para elas tudo fosse uma forma de música, algo que as satisfaz e diverte, que as intriga e instiga fazendo com que procurem por novos sons diariamente dentro de seu ambiente, neste caso a sala de aula. O que também é comum nesta faixa etária são os pedidos por silêncio, dos professores e até mesmo dos pais, as “chamadas de atenção” dessas crianças por não saberem a forma “correta” de brincar, como se apenas estragassem as coisas e não fossem capazes de ficar em “silêncio”, são seres que necessitam ser ensinados a brincar em silêncio.

## PAISAGENS SONORAS

O termo paisagem sonora surge com o educador e compositor canadense Raymond Murray Schafer, para definir o conjunto de sons que compõe o nosso ambiente, e que por vezes são ignorados por nós, estimulando o desenvolvimento de um “ouvido pensante”<sup>3</sup>, que seja crítico, atento e reflexivo, visando “um refinamento da qualidade auditiva e de criação musical” (FONTERRADA, 2009, p.10).

Este estudo das paisagens sonoras e o estímulo à criação e desenvolvimento deste ouvido pensante comumente são ignorados pelos docentes e pela sociedade em geral, no entanto ela está ali, diariamente lidamos com nossa paisagem sonora, apenas não temos a sensibilidade necessária para escutá-la e compreendê-la, diferente das crianças, que estão diretamente em contato com ela, observando-a e explorando-a sempre que possível. Nós professores é que muitas vezes, por falta de conhecimento e sensibilidade, não a compreendemos e, portanto, não sabemos como lidar com ela em sala de aula.

Estas paisagens sonoras são então os sons que nos cercam, é o som do vento, dos carros, da nossa respiração, sons que variam de acordo com o lugar em que estamos, o horário, a estação do ano, são os sons que estão presentes no nosso cotidiano e que muitas vezes nós adultos já não ouvimos mais.

A habilidade dos seres humanos para sentir o espaço através da escuta é raramente reconhecida; na verdade, algumas pessoas pensam que tal habilidade é exclusiva de morcegos e golfinhos (BLESSER; SALTER, 2007 apud FONTERRADA, 2009, p.7).

É como se nós tivéssemos perdido a capacidade de ouvir, nos acostumamos tanto a conviver com a poluição sonora, repleta de ruídos, que aos poucos fomos ensurdecendo, segundo Schafer (2009), somente através desta escuta sensível, de tornarmos nossos ouvidos pensantes, é que seremos capazes de melhorar nossas paisagens sonoras, pois um ouvido crítico e reflexivo será capaz de definir quais os sons que deseja ter em sua paisagem sonora, e quais podem ser “retirados” dela, não bastam apenas leis restringindo os sons, precisamos pensar a respeito deles. Focando então na exploração da paisagem sonora na educação infantil, nos remetemos ao “barulhar”, que é este jogo de descobrir, criar e explorar sons com

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por Schafer (1991) no que se refere a um “ouvido” que escute e compreenda o que está ouvindo.

os mais diversos recursos que a criança tem a seu alcance, transparecendo suas vivências e interações com o meio e o com seus pares (SARMENTO, 2001).

## ESCUTANDO O BARULHAR

O barulhar feito pelas crianças pode ser entendido de diversas maneiras, para alguns docentes é visto como “desordem, confusão, um verdadeiro tumulto no grupo”. (PIRES, 2005) Como se a palavra barulhar já definisse o que ela significa: ato de fazer barulho, algo desnecessário, e que resulta da falta de um “domínio” da turma pelo professor. Algo que deve ser tolhido da “hora” de brincar e de todos os momentos da rotina escolar das crianças. No entanto vários estudos feitos nos revelam que na verdade este barulhar é a forma com que as crianças interagem com o meio em que estão inseridas, através de uma escuta sensível de toda a paisagem sonora (SCHAFER, 1991) realizada por elas durante suas brincadeiras e interações com o meio.

As crianças barulham porque têm no seu corpo essa exigência sensível. Logo, o ato de barulhar – enquanto ato de fazer barulho, de sonorizar sem prévia sistematicidade e determinação – expressa uma profunda sensibilidade que em sua dimensão primeira, ou vital, é a de um corpo em interação com o real (LINO, 2010, p.7).

Compreendendo então o barulhar como uma necessidade humana e sensível da criança, é que podemos perceber de que formas isto acontece na rotina escolar e qual o seu real significado. No ato de brincar e ao mesmo tempo barulhar as crianças vão nos demonstrando aquilo que já faz parte de sua coleção de sons e significados (SCHAFER, 1991), que vai crescendo ao longo de sua existência. Para alguns autores como Disoteo (2003 apud PIRES, 2005) estas relações das crianças com os sons que as cercam inicia no útero materno, “ o conhecimento do mundo para a criança inicia de forma sonora ” (PIRES, 2005, p. 46).

Essa experimentação de mundo, então, continua durante toda nossa existência, porém é mais evidente e marcante no período da infância, pois é durante este período que fazemos varias das “descobertas”, que nos acompanharão durante a vida adulta. É durante a infância que estamos mais atentos a tudo o que nos rodeia, pois tudo é novo. São novidades com as quais vibramos ao reconhecer e ter a possibilidade de interagir com elas, destacando aqui as descobertas dos sons, que ao mesmo tempo em que são descobertas pelas crianças, começam



também a ser manipulados por elas, experimentados, vividos, o que traz um grande sentimento de prazer, e com isso aumenta a “atenção” destes novos “ouvidos pensantes” (SCHAFER, 1991), que por mais que sejam silenciados por alguns docentes, continuam a escutar e tentar sempre que possível realizar estas experimentações sonoras, porém com o decorrer do tempo muitas vezes nós docentes acabamos perdendo esta capacidade de escutar nossas paisagens sonoras e por vezes acabamos ensurdecendo nossos alunos também.

Esta é a forma com que as crianças experimentam tudo o que as cercam, é a música que pertence a elas e a seus pares, e que pode ser dividida, improvisada, brincada, interrompida, modificada, pode ser aquilo que elas desejarem que ela seja, só não é ensaiada, institucionalizada, regrada. Ela é livre assim como eles no momento de brincar, é o que vivem e representam. “O mundo é aquilo que nós percebemos. O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”. (PONTY, 1999 apud LINO, 2008, p.14) O barulhar então, assim como o mundo é uma fonte inesgotável de sons, movimentos, interações, algo que não pertence a ninguém ao mesmo tempo em que pertence a todos, e que é realizado de maneira divertida, natural, assim como as brincadeiras.

Nós, enquanto docentes, principalmente os da educação infantil, deveríamos ter um olhar crítico e reflexivo perante tais brincadeiras, pois através delas podemos estimular nossos alunos de forma prazerosa, e também nos possibilita compreender melhor a criança. Quando brinca a criança acaba deixando transparecer, mesmo que inconscientemente, tudo aquilo o que vive, o que gosta e o que não gosta.

Ao longo de sua “prática” o barulhar vai sendo transformado, interrompido, reiniciado, enfim, é na realidade aproveitado pelas crianças. A partir do momento em que um determinado modo de barulhar já não for mais de seu interesse, ou se for interrompido por algum motivo, seja através da interferência de um adulto ou até mesmo devido às necessidades fisiológicas da criança, surgem outros modos de barulhar, outros interesses e experimentações realizados por elas.

Sendo assim o barulhar não necessita de conhecimentos prévios sobre nenhum tipo de instrumento, ou conceitos musicais, nem por parte do aluno nem pelo professor. Mesmo sendo uma forma de música para as crianças o barulhar não está relacionado com a cultura de música erudita, nem com a aprendizagem de instrumentos musicais, ele não necessita de ensaios e nem tampouco pode ser aprendido ou ensinado.

Este barulhar é feito através da exploração de outros meios que não necessariamente os instrumentos musicais, ele antecede este tipo de aprendizagem. São experimentações feitas pelas crianças através de sons com os quais convivem, suas paisagens sonoras, com qualquer tipo de objeto e espaço, mesmo que não sejam propriamente musicais, mas que na sua interação com estes recursos, tornam-se parte integrante de suas composições. Utilizando suas sonoridades peculiares para estas explorações e vivências, com seu próprio corpo e voz, utilizando-se dos mais distintos sons emitidos e produzidos pelo seu corpo e sua voz, alternando ritmos, combinações e timbres durante seu barulhar.

Pode se então definir o barulhar como uma experimentação sonora feita pelas crianças de forma natural e lúdica, utilizando os mais diversos recursos para estas composições, que durante o início de sua infância classifica-se como uma forma de música para eles.

Aqui, brincar é diferente de trabalhar, de estudar, de imitar, é estar com os sons no coletivo, sem apresentações, sem separações. É entrar na brincadeira, soltar a voz, a língua, a fala, deixar-se vibrar, é barulhar. (LINO, 2008, p.151)

Esta experiência de barulhar possibilita que as crianças se relacionem com seus pares e com os adultos, interajam e compreendam o “mundo” que as cerca, iniciando a construção de suas próprias hipóteses em relação às definições de mundo e sociedade com as quais nos deparamos atualmente. Como já cita Lino (2008, p. 151) “deixar-se vibrar é barulhar” e para as crianças este vibrar é muito fácil, acontece repetidamente durante sua infância. O barulhar deve ser visto com parte importante e fundamental no desenvolvimento da criança, bem como o brincar que hoje já reconhecido como parte integrante e fundamental para o desenvolvimento e vivência das crianças e suas culturas.

## TEMPO DE BARULHAR

Qual será então o tempo de barulhar? Para as crianças é muito simples: todo tempo de brincar é também tempo de barulhar, elas não separam esta experiência como um momento específico: “Agora vou barulhar”, também não se preparam com antecedência, ensaiam ou utilizam algum tipo de material ou local específico para que ele aconteça.

É algo que ocorre naturalmente, de acordo com aquilo que estão vendo, sentindo, ouvindo e compreendendo. É a maneira que estão interagindo, principalmente durante suas



brincadeiras, quando têm maior liberdade e autonomia para agirem, sem precisarem deter-se nas “combinações” e objetivos das propostas de brincar feitas pelos docentes na rotina escolar.

Assim, o barulhar é para as crianças um processo de transbordamento de afeto e alegria conquistado sempre que tem liberdade para soar ou encontrar provisoriamente espaços de indeterminação (porque no contexto escolar geralmente estão vigiadas) onde possam ser escutadas (LINO, 2010, p.12).

Este tempo de indeterminação a que o autor se refere, é na verdade o tempo que as crianças encontram de serem “livres” dentro da rotina escolar, tempo no qual elas podem criar, experienciar, manusear, brincar com os sons conforme sua vontade, onde elas é que irão “orquestrar” o seu barulhar.

Cabe ressaltar que este barulhar não tem um tempo certo para ocorrer, ele se evidencia grande parte das vezes neste momento de brincadeira “livre”, pois é onde as crianças dentro de suas rotinas escolares estão menos vigiadas e controladas por seus professores. Ele também pode e ocorre dentro destas rotinas, além do momento de brincar, uma ida ao banheiro, pode se tornar tempo de barulhar, pois brincam com sons emitidos dentro do banheiro, o descer ou subir uma escada, para eles também pode se tornar um espaço para barulhar, as “filas”, os momentos das atividades dirigidas, durante o lanche, enfim existem muitos “tempos e espaços para barulhar”. E isto irá variar conforme a necessidade, vontade, e a “liberdade” dessas crianças em suas turmas, não apenas por vontade delas mas regida também por essas rotinas e seus docentes.

Outro ponto importante de destacar é que este barulhar não dura sempre de maneira igual, conforme Lino (2008, p.148), “barulham num tempo que é conduzido pelo fluir na intensidade de sua duração”. Ou seja, quem determinará o tempo de sua duração são as crianças no ato de barulhar, que conforme sua intensidade, e “aproveitamento” por parte delas irá durar por um longo período ou um curto período.

Período este que pode ser interrompido e recomeçado de formas diferentes dependendo daquilo que seja do seu interesse, o que o torna muito semelhante do brincar, as brincadeiras “livres” são organizadas pelas crianças, que determinam se irá durar muito ou pouco tempo dependendo da forma com que fluir entre elas. Até porque, muitas vezes o barulhar e o brincar ocorrem simultaneamente, como se um completasse o outro, pois muitas vezes durante o brincar as crianças barulham, e o ato de barulhar não deixa de ser uma grande brincadeira com os sons.

Lembrando ainda que o barulhar por vezes é interrompido por nós docentes, o que tira da criança o poder de determinar o tempo de seu barulhar, e também devido a outras interrupções mais “naturais”, como cita Lino (2008), seja por necessidade de ir ao banheiro, por fome, vontade de explorar outras coisas, participarem de outras brincadeiras etc, sem que lhes cause o desconforto, que por vezes nós docentes causamos ao interromper seu barulhar.

## OUVINDO OS SONS DO SILÊNCIO

Ressalto aqui que o barulhar não é, e não deve jamais ser sinônimo de anarquia em sala de aula, existem momentos em que um certo “silêncio” (mesmo que este não seja o termo adequado) se faz necessário. Faz parte do desenvolvimento da concentração, da compreensão de que por vezes necessitamos apenas ouvir o outro, que nem sempre é possível ficar barulhando, pois este “parar” também se faz necessário, afinal quando barulho estou me expressando e mesmo que inconscientemente quero ser escutado por alguém, e para que esta escuta seja feita não podemos estar todos barulhando continuamente o tempo todo em sala de aula.

Ao mesmo tempo em que ele deve ser estimulando, pensado e aproveitado, que ele ocorra de maneira livre e sabendo que não existem tempos específicos para barulhar, é importante, tanto quanto os momentos de exploração, os momentos em que isto cesse por alguns instantes e cabe ao docente dosar estes momentos e explicar de forma que a criança compreenda o porquê de estarem em um “silêncio” temporário.

Possibilitar o barulhar, saber dosá-lo e aproveitá-lo durante as aulas dos docentes, só ocorrerá a partir do momento em que as instituições acadêmicas responsáveis pela formação deles possibilitem disciplinas que os permitam conhecer e compreender as mais diversas áreas da educação infantil.

No caso, específico na área da música no ensino. Os currículos das graduações acadêmicas, destacando então o currículo da Unisinos, a qual frequentei; já reconhece e possibilita diversas disciplinas relacionadas à educação infantil, suas questões gráficas, plásticas, poéticas, literária, necessidades, compreensão de muitas etapas do desenvolvimento infantil; porém ainda se faz carente na área musical. É óbvio, que por mais que se tente, um



currículo universitário jamais conseguirá atender a todas as necessidades da educação de seus graduandos, principalmente por termos diferentes atuações docentes.

## MÚSICA COMO INSTRUMENTO

A carência no ensino da música não se restringe apenas à área da educação infantil, mas sim a todos os níveis de aprendizagem, visto que muitos docentes se consideram despreparados para tal prática por não dominarem instrumentos musicais e conceitos de música erudita.

O preconceito de que é preciso possuir o “dom” inato para fazer música não precisa mais existir. Qualquer pessoa pode aprender música e se expressar por meio dela, desde que sejam oferecidas condições necessárias para sua prática (LOUREIRO, 2003, p.163).

Seguindo a ideia é que me coloco a favor da música na educação, especialmente na educação infantil, não possuo nenhuma formação acadêmica em relação à música, assim como tantos outros profissionais da área. Porém, o que se faz realmente necessário para tais atuações, são: vontade, coragem e apoio de materiais didático pedagógicos que amparem esta carência de nossa formação acadêmica.

Em relação à vontade, acredito que muitos profissionais a tenham, bem como a coragem, entretanto, no que se refere aos materiais de suporte, novamente nos deparamos com a carência e quase inexistência de materiais. Sendo que os existentes e de qualidade não contam com uma ampla divulgação, fazendo com que seu trabalho não seja muito conhecido pelos docentes.

A música neste caso não é apenas algo pronto a ser apreciado, mas sim as mais diversas formas de ver, ser, sentir e fazer música, as explorações das paisagens sonoras. Compreendendo a existência e significação deste barulhar nesta etapa e sua importância para a educação infantil.

Sabendo então, que tais explorações, meios de ser, ver, sentir e fazer parte da sociedade em que estão inseridas, vão conforme o desenvolvimento da criança se transformando ao longo dos anos. Modificando também suas necessidades e formas de agir, mas que em todas elas faz-se necessário que nós, profissionais da área de educação, tenhamos clareza de suas necessidades, continuemos em uma constante atualização e

pesquisa. Ampliando nosso repertório docente para conseguir atender as especificidades de cada aluno em seu devido tempo. Assim, “não há ensino de qualidade, nem renovação pedagógica sem uma adequada formação de professores” (BELTRAMI; PORTILHO, 2009, p.6).

Torna-se necessário então, para esta prática na educação infantil, ao que se refere o ensino de música, que consigamos aprender a ouvir novamente, através deste exercício de voltar a ouvir e pensar, conseguiremos perceber como este momento é rico e importante para as crianças. Como essas descobertas são importantes e estimulantes no seu desenvolvimento e como deixamos passar muitas coisas despercebidas, muitas vezes por estarmos tão acostumados com certos sons que já não os ouvimos mais, é como se gradativamente estivéssemos ficando surdos e exigindo isto de nossos alunos também.

Porém, eles não aceitam passivamente o ensurdecimento imposto. Continuam nas mais diversas formas suas explorações das paisagens sonoras, com ou sem nossa ajuda, mas gradativamente vamos tirando isto deles, e vamos pouco a pouco tornando-os tão surdos quanto acabamos ficando ao longo dos anos. A “surdez” implica não apenas no deixar passar despercebido algum som e a uma idolatria ao silêncio, mas sim, como um regulador, que acaba impedindo grandes formas de expressão, criatividade, iniciativa, curiosidade, participação e autoria (interação).

As crianças que até então possuem a capacidade incrível de explorar e criar através dos mais diversos objetos e sons produzindo suas “músicas”, também podem acabar sendo tão “tolhidas” que vão perdendo a capacidade de criação e interação o que mais tarde pode significar alunos mais apáticos e meros reprodutores de conhecimento. Desenvolver as capacidades auditivas, perceptivas e criativas de nossos alunos, auxilia nas mais diversas áreas do seu desenvolvimento, inclusive a alfabetização das crianças.

A consciência fonológica, tema atualmente reconhecido e de grande importância na área da alfabetização, trabalha através da consciência fonêmica, demonstrando através de pesquisas de campo, que “crianças que têm consciência dos fonemas avançam de forma mais fácil e produtiva para a escrita e para a leitura criativas” (ADAMS, et al, p. 15, 2006). Reforçando então, a importância de desenvolver o “ouvido pensante” (SCHAFER, 1991) de nossos alunos, de explorar das mais diferentes formas o ouvir e interagir com os sons. Afinal trabalhar com consciência fonológica é trabalhar com os sons, um ouvido “surdo e que não pensa”, não conseguirá desenvolver-se, segundo este método.

Felizmente, muitas das atividades que há tempos são desfrutadas pelas crianças em idade pré-escolar, envolvendo rima, ritmo, escuta e sons, são ideais para esse propósito (ADAMS, et al, 2006, p.20).

Atividades que, por vezes são ignoradas pelos professores, pois causam muito “barulho”. Torna-se evidente que este “barulho” não só é parte integrante da educação infantil, como também um recurso valiosíssimo para o desenvolvimento posterior dos alunos nas etapas seguintes da educação. Não estou aqui defendendo este como único método eficaz de alfabetização, nem explorando a área da alfabetização (visto que não é o tema abordado no trabalho), mas sim demonstrando que o barulhar das crianças tem seus porquês e que atualmente muitas pesquisas têm trazido a tona esta importância, a importância do ouvir, seja para alfabetizar ou não.

## **FAZENDO ACONTECER**

“Os livros não mudam o mundo. Quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.” (Mario Quintana).

Partindo do mapeamento dos materiais didáticos<sup>4</sup>, compartilho com Quintana a ideia que o contato com esses livros acabaram me modificando como pessoa. Assim, a análise destes materiais didáticos me deu energia e disposição para propor o meu livro. Amparada no apoio didático da professora orientadora de meu trabalho de conclusão e das atividades vivenciadas na atividade acadêmica de Educação Musical inventei: BALANGANDÃ SONORO. O livro é o resultado de meu pensar a música na educação infantil aceitando o desafio de escutar meus alunos e com eles, inventar atividades que contribuam para o desenvolvimento de seu barulhar na escola.

O livro contém diferentes propostas de atividades que foram realizadas com uma turma de Educação Infantil Faixa Etária 4 (crianças de 4 anos a 4 anos e 11 meses), em uma escola municipal no município de Novo Hamburgo, onde leciono atualmente. Cabe ainda destacar, que o livro vem acompanhado de um Cd. Isto porque, as atividades foram sendo propostas às crianças durante todo o período de realização da presente pesquisa, sendo

---

<sup>4</sup> Pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico (FACHIN, 2005): levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas a música na Educação Infantil, contida em: BITTENCOURT, Ariane Carolina Boscardini. BALANGANDÃ SONORO: uma sugestão de material didático para trabalhar o "barulhar" das crianças na educação infantil. 2011. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso. UNISINOS – Centro de ciências humanas, São Leopoldo, RS, 2011.



filmados o desenrolar das atividades para posterior descrição, análise e aprofundamento didático. Sendo assim, no Balangandã Sonoro, os professores encontrarão além das propostas de atividades, ainda um vídeo ilustrativo, com as experiências aqui narradas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando optei por pesquisar sobre a música na educação infantil, o fiz por muitas inquietações que surgiram enquanto docente da educação infantil. Porém mesmo após esta decisão eu ainda não havia encontrado o meu “grão de areia”, qual seria a minúscula parte que iria pesquisar em um campo tão amplo e rico como este.

Eram várias as minhas vontades e necessidades enquanto docente: como se constituía o barulhar na escola; quais os materiais didáticos disponíveis para tal exercício; como propor atividades sonoras às crianças, etc. Como eu, uma leiga no quesito musical, poderia me arriscar a entrar neste universo e me apoderar um “pouquinho” de tais conhecimentos ampliando e aprimorando minha prática pedagógica enquanto docente? Sendo assim, embasada nos princípios das pedagogias decidi “aceitar a educação musical como meio capaz de desenvolver a personalidade das crianças como um todo, de despertar e desenvolver faculdades indispensáveis ao profissional de qualquer área de atividade” (ALMEIDA; PUCCI, 2002, p. 15).

Partindo então de pesquisa bibliográfica nas linhas da infância, escola, formação de professores, da compreensão do barulhar e do entendimento da necessidade de materiais didáticos, percebi que os professores deveriam compreender que cabe ao docente desempenhar o seu papel no cenário educativo. Isto significa dizer, que os professores também precisam mediar o conhecimento musical emergente de seus alunos.

No desenrolar desta investigação fui também entendendo que, no que se refere à formação docente, muitos professores não trabalham com a música na educação infantil porque não se sentem aptos a fazê-lo. Assim, constatei que a maioria dos professores acaba trabalhando com aquilo que conhece. Infelizmente, a música não se faz muito presente nos currículos do ensino básico, médio, da graduação e/ou na formação de professores.

Outro fator de destaque são os materiais didáticos de música, que são produzidos e uma escala muito inferior a dos demais materiais e que mesmo existindo no mercado muitas obras de qualidade, estas contam com pouca ou nenhuma divulgação e são na maioria das



vezes produzidas poucas cópias, o que acaba dificultando o acesso dos docentes a estes materiais. O fato que me surpreendeu foi ao realizar o mapeamento, descobrir a gama de materiais disponíveis à prática musical já existentes no mercado editorial.

Então, a busca pelo que se quer deve ser uma constante no dia-a-dia do professor interessado, não só em seu crescimento, como no pleno desenvolvimento das crianças, as quais estão sob a sua responsabilidade em determinado momento. Procurar sempre atualizar seus conhecimentos deve ser a meta do docente consciente do seu papel na educação infantil. Saber o que fazer e buscar novos meios necessários para o que deseja deve ser a base que abrirá possibilidades enormes para o docente seja qual for à área que ele atue.

Como um Balangandã, que após começar o seu vôo nos mostra inúmeros sons, cores e propicia diversão, a prática musical na educação infantil - o barulhar das crianças - pode mudar completamente a nossa compreensão das crianças. Adorei inventar com meus alunos o livro aqui apresentado. Acredito que o presente trabalho é apenas uma breve aventura no universo musical infantil, cuja tentativa é dar instrumentos aos educadores interessados em ampliar seus horizontes sonoros, despertando o "ouvido pensante" (SCHAFER, 1991) de seus alunos.

A experiência foi muito gratificante, porque nela pude conjugar as palavras alegria, conhecimento e diversão. Convido os leitores a entrarem nessa aventura e inventarem com seus alunos outros livros, outros Balangandãs Sonoros, que possam testemunhar as grandes e complexas possibilidades que o trabalho com música oportuniza na escola de educação infantil.

## **REFERÊNCIAS**

ADAMS, Marilyn Jager et al. **Consciência Fonológica em crianças pequenas**. Tradução de Regina Ritter Lamprecht e Adriana Corrêa Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC, 1981.

BARCELLI, Juliana. **Conceitos de infância, família e escola segundo Philippe Áries**. Jul. 2009. Disponível em: <<http://pedagogianacabeca.blogspot.com>>. Acessado em: 10 jun. 2011.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil, 2010.

BELTRAMI, Kátia; PORTILHO, Evelise Maria Labatut. O estilo de aprendizagem dos alunos e das professoras de educação infantil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE, 9., 2009, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Curitiba, PR. **Anais eletrônicos...** Curitiba, PR: PUCPR, 2009. p. 1-17. Disponível em: <[http://www.isad.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3535\\_1993.pdf](http://www.isad.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3535_1993.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2011.

BOHENEM, Rosimeri; KOPP, Felipe Augusto; RICHTER, Sandra Regina (Orientador). Espaços de linguagem e imaginação poética na infância. In: XI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PUCRS, 11., ago. 2010. Departamento de Letras e Departamento de Educação, UNISC – Universidade de Santa Cruz do sul. 2010. p. 1-2. Disponível em: <[http://www.edipucrs.com.br/XISalao IC/Ciencias\\_Humanas/Educacao/84092-FELIPEAUGUSTOKOPP.pdf](http://www.edipucrs.com.br/XISalao IC/Ciencias_Humanas/Educacao/84092-FELIPEAUGUSTOKOPP.pdf)>. Acessado em: 10 mai. 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1993 (Coleção Primeiros Passos).

BRITO, Teca de Alencar. **Koellreuter educador: o humano como objetivo da educação musical**. São Paulo, SP: Peiropolis, 2001.

CAMPOS, Daniela Gonçalves dos Santos. **Síntese das principais idéias contidas no livro o que é educação** – Carlos Rodrigues Brandão; fev. 2002. Disponível em: <[http://www.faiibi.com.br/downloads/ped/sintese\\_ideias.pdf](http://www.faiibi.com.br/downloads/ped/sintese_ideias.pdf)>. Acesso em: 05 jul. 2011.

CAMPOS, Maria Malta. **Reescrevendo a educação**. Propostas para um Brasil Melhor: Educação Infantil. Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Disponível em: <<http://www.lo.unisal.br/sistemas/professores/cidinha/arquivos/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20Maria%20MALTA%20Campos.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

COELHO, Paulo. **A Bruxa de Portobello**. São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. **Educação e infância: Era uma vez... Quer que eu te conte outra vez?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Gládis E. (Org). **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

CRIANÇA a alma do negócio. Produção de Estela Renner e Marcos Nisti. São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2008.

DAMKE, Anderléia Sotoriva; GONÇALVES, Josiane Peres. **O processo de adaptação: Os primeiros dias da criança no ambiente escolar**. Porto Alegre, RS: PUC, 2007.

DELGADO, Ana Cristina Coll. O que nós adultos sabemos sobre infâncias, crianças e suas culturas? **Revista Espaço Acadêmico**, n. 34, mar. 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/034/34cdelgado.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Infâncias, Tempos e Espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmiento. **Currículo sem fronteiras**, Porto Alegre, RS, v. 6, n. 1, p. 15-24, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/sarmiento.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2011.

ESEF/UFRGS. Seminário: **A criança e o jogo no contexto educativo**: concepções, especificidades e perspectivas. Palestrantes: Manuel Jacinto Sarmento; Neusa Sá; Miriam S. Palma et.al. Porto Alegre, RS, 20 abr. 2011.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo, SP: Saraiva, 2005.

FERNANDES, José Nunes; NOGUEIRA, Marcos; RODRIGUES, Adriana. **Música na escola**: o uso da voz. Rio de Janeiro, RJ: Secretaria municipal de educação/conservatório brasileiro de música, 2000.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

KOUTINHO, Karine Dias; SOMMER, Luís Henrique. **Cultura, Identidades e Formação de Professores**. S.L., 2008.

LINO, Dulcimarta Lemos. **Barulhar**: a escuta sensível da música nas culturas da infância. 2008. Porto Alegre, RS, 2008. 392 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. **Barulhar**: A música das crianças. **Revista da ABEM**, n. 24, set. 2010. Porto Alegre, RS: Associação Brasileira de Educação Musical, 2010. p. 81-88.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MAESTRO carioca faz popular virar clássico. **Folha Online**. Disponível em: <<http://musicaclassica.folha.com.br/cds/20/biografia-2.html>>. Acesso em: jul. 2011.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. (Orgs). **As crianças contextos e identidades**. Minho, PT: CE1, 1997. p. 74-92.

PIRES, Maria Cristina de Campos. O som como linguagem e manifestação da primeira infância. **Revista Pátio Educação Infantil**, ano III, n. 8, p. 45-47, jul./out. 2005. Porto Alegre, RS, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15658>>. Acesso em: 03 abr. 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da Infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. Instituto de estudos da criança Universidade do Minho, 2001. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2011.

SCHAFER, R. Murray. **Educação Sonora**: 100 exercícios de escuta e criação de sons. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo, SP: Melhoramentos, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Ouvido Pensante**. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada. São Paulo, SP: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

SILVA, Nisiane Franklin da. **A representação da música brasileira nos livros didáticos de música**. 2002. 136 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música. UFRGS - Instituto de artes departamento de música, Porto Alegre, RS, 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1889>>. Acesso em: 30 jun. 2011.



TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem agora chega**. Tradução Alba Olmi. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto (Org). **Infância (In)Visível**. Araraquara, SP: Junqueira&Martin, 2007.